ANNO 8.º — Sexta-feira, 24 de Dezembro de 1915 — NUMERO 402

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Politica e moral

A probidade é a melhor politica

Washington

Politico ilustre, administrador distinto e notavel homem de guerra, Washington foi o mais eficaz cooperador da independencia dos Estados-Unidos da America do Norte.

Tão grande na paz como na guerra, legou-nos muitos e salutares ensinamentos, o mais belo dos quaes é a sua propria biografia, historia de uma vida cheia de patriotismo, desinteresse e coerencia. Mas um dos mais profundos é o que se sintetisa nas cinco palavras que no alto deste artigo transcrevemos.

Um dos mais profundos e um dos que mais necessario é recordar, visto que a politica tem sido sempre, e parece que pretende continuar a se-lo—em vez de uma nobre e elevada arte—a escola da dissimulação, da perfidia, da deslealdade, uma especie de jogo de batoteiros, no qual os jogadores mutuamente se pretendem *comer* por tolos.

Isto não é apenas um mal *português*: *é* um mal universal; e em toda a parte de deletérias e dissolventes consequencias, porque, convertendo em indispensaveis condições de exito, em vez das qualidades nobres, as baixas e vis da natureza humana, opéra uma sélecção invertida, que dá o triunfo, o primeiro plano, não aos melhores, aos mais dignos e mais inteligentes, mas aos mais astuciosos e desprovidos de escrupulos.

Em Portugal, os maleficos efeitos deste modo de ser da politica eram evidentes no tempo do extinto regimen monarquico, traduzindo-se pelo afastamento dos mais competentes e honestos e por ilegalidades, escandalos e malfeitorias de toda a especie.

Na vigencia da formula governativa republicana teem esses efeitos continuado a manifestar-se exuberantemente, provando que o mal persiste, com ligeira remissão.

Que o digam tantos republicanos distintos, que, não podendo, por elevação de caracter e de inteligencia, adaptar-se aos baixos procéssos da politica, voluntariamente se relegaram a um retraímento altamente nocivo para os interesses nacionaes, abandonando o campo á incompetencia audaciosa e sem escrupulos.

Na realidade, é o que dá vontade de fazer quando se vê a mentira a gosar fóros de indiscutivel verdade, a calunia a pavonear-se, triunfante, a ignorancia petulante a aparentar, despejadamente, de sabedoria, a malandrice astuciosa e recatada a fruir as honras de honestidade — Tartufo a ostentar de homem sério, o conselheiro Acacio de homem ponderador, competente e esclarecido e João Brandão guindado ás alturas de homem de bem.

E' verdade que estas simulações, se iludem alguns, não iludem toda a gente e, sobretudo, não iludem sempre.

Fóra dos palcos teatraes, extraviados das glorias efemeras da ribalta, movem-se, é certo, grandes atares, trazendo afiveladas ao rosto diversas mascaras, quasi sempre, já se vê, de papeis nobres e simpaticos.

Todos os que teem a triste experiencia dos anos e o habito de se não deixarem levar por frases, nem guiar por méras aparencias, em regra falsas; todos os que sabem que são os actos e não as palavras que definem os homens, conhecem um certo numero de exemplares desta classe de atares, representando no vasto tablado da vida.

Mas conhece-los é desmascara-los; e nas sociedades ha sempre um subtil instinto colectivo que raro se deixa enganar por estas ôcas exibições de inteligencia, honestidade, ou sabedoria.

Daí o acentuado desconceito em que, pelo geral e em quasi todos os povos, é tida a classe dos politicos; daí as eternas diatribes contra os mesmos; daí as mil acusações, queixas e maldições lançadas sobre eles.

Com efeito, o meio politico enferma de profundas e detestaveis imperfeições. A mentira, a deslealdade, a intriga, a duplicidade circulam nele com a liberdade de moedas de lei; todos os caminhos, mesmo os tortuosos e lamacentos, são estradas viaveis para alcançar o alvo desejado; por vezes, ha uma extraordinaria tolerancia para com actos verdadeiramente inadmissiveis.

Nos tempos da monarquia dos *adeantamentos*, chegara-se, para coonestar tudo isto, a adoptar a artimanha de que havia duas moraes, uma publica e outra privada, uma que regía o homem nos seus negocios particulares e outra nas relações da vida publica, isto é, uma moral de trazer por casa e outra de saír á rua.

Assim, assistia-se ao grotesco, ao desopilante espectaculo dum mesmo cidadão ser, simultaneamente, um perfeito homem de bem e um malfeitor; por exemplo, um jornal, referindo-se ao ministro X, tratava-o, na primeira pagina, ao apreciar um decreto da lavra de S. Ex.ª, por embusteiro, delapidador dos dinheiros publicos e coveiro da nação e, na segunda, ao noticiar o aniversario de S. Ex.ª, classificava-o de primoroso homem de bem e grande estadista!

Crêmos que o regimen republicano não quererá desonrar-se, servindo-se destes rèles e absurdos sofismas.

Não ha duas moraes, uma publica e outra privada. A moral é, dentro de cada povo e em cada estadio da sua evolução historica, uma só. Um dado sujeito não póde ser sério em familia e tratante em politica, ou vice-versa. Se é sério numa coisa é-o na outra e, se é tratante numa délas, é-o em ambas. O mais que póde dar-se é que, pela ignorancia das patifarias que ele pratica em familia, se pense que o homem só na vida publica é patife, quando, afinal, se os factos fôssem bem apurados, se chegaria á veridica conclusão de que ele é patife em tudo.

Deste modo, sendo a moral uma só e sendo o caracter de cada individuo sempre identico a si proprio, bastando um numero limitado de acções para o definir, vê-se que é preciso que deixem de ser admitidos como oiro de lei os actos politicos que, por ilegaes, dubios, desliaes, traiçoeiros, ou hesitantes, se afastem das normas que devem presidir a todas as acções dos homens de caracter.

E' tempo de deixarem de ser considerados politicamente admissiveis procedimentos que, na vida particular, seriam infamantes.

A seriedade, o respeito pela palavra dada, a aversão por quanto não seja liso e digno devem ser, tanto em politica como no mais, as unicas normas admitidas.

Isto é, se *a probidade é a melhor politica*, é preciso que seja a unica polilica.

E' mais que tempo, é mesmo uma necessidade de salvação publica o saneamento do meio politico, de fórma a torna-lo respiravel para quantos não sejam dotados de pulmões á prova de todos os miasmas.

O que por aí se vê, além de parecer mal, não cheira bem...

M. E.

Antiguidades

1.º Anno — Terça-feira 9 de agosto de 1887 — Numero 79

CORREIO D'AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Politica

Em face da crise

AO SR. MINISTRO DA FAZENDA

Quando é que v. ex.ª se resolve ordenar que sejam pagos os direitos do pescado que o sr. governador civil substituto de Aveiro, em [illegible]

NATAL

Dia de paz, de ternura e de amôr!

Dia que acorda na creança a dôce esperança do Menino Jesus, que vem deixar, a horas mortas, no sapatinho posto á lareira, o brinquedo com que o distingue; Menino que a sua tenra imaginação cria antevendo-o de adoravel beleza, de encantador olhar! E a creancinha sorri, toda entregue, toda presa ao encanto da sua fantasia, que a Mãe, entre beijos, avoluma!

Dia de paz, de recordação, de saudade!

Dia que acorda nos velhos o benefico calor dos tempos idos, dos anos que passaram e não voltam mais!

Recordações queridas, que, num intimo reconhecimento, eles vêem perpassar na sua mente como num *écrain;* recordações das horas felizes e das horas de amargura da sua vida. Invocações sagradas, acordando no seu coração os seus pais velhinhos, vagas recordações dos avós—o dia feliz do noivado, o vagido do primeiro filho, a mocidade em toda a fragancia, respirando então a plenos pulmões, a força, a vida, a energia!

Tudo passou. A decrepitude paralisa-o e de tudo só lhe resta os filhos que os cércam, os nétos que se sorriem!

Dia de paz, de encanto, de caridade!

Trocam-se beijos de afecto, de enebriante ternura!

Afagam-se os filhos, bebendo-se-lhes as lagrimas em beijos se eles choram doridos!

Oscula-se a face encarquilhada dos pais e aos pequeninos queridos, abençoados frutos de amôr, ensina-se-lhes a beijar a mão descarnada e dura dos trémulos avós!

No coração da Mãe, ecôa a préce que ela mentalmente faz ao Menino Jesus, para que mantenha a existencia dos decrepitos velhinhos; que encaminhe na vida longa e feliz, o pequenino adorado que ela mantém nos braços, amparando por muitos anos o homem, no peito do qual, como esposa, repousou a sua fronte virginal!

O marido, sentinela vigilante do seu ninho de amor, aquele

Para quem a consciencia é o sol de toda a hora
Para quem a virtude é o pão de cada dia!

Mas a ambição feroz e selvatica dos testas coroadas, que esmagam ainda a humanidade, apavoram-na, semeando a destruição, a morte, o horror!

A ternura, o afago, a paz, que engrinaldavam a humanidade na grandeza deste dia, desaparecerem e, em milhões de lares, surge a miseria, a fome, a morte, com o seu vasto séquito de lagrimas, de dôres, de sofrimento!

Sopra a destruição, como rajada sombria, transformando-se em pavoroso ciclone que arraza, impiedoso, em espirais titanicas, a herdade, a oficina, a vida!

Milhões de mortos, milhões de orfãos, milhões de viuvas!

Lagrimas de almas que choram, trituradas pela dôr, sem remedio; gargalhadas sinistras, que arrepiam, produzidas pela loucura que traz ao cerebro alucinado a imagem querida do que a Morte roubou!

O Mundo choca-se, como ondas formidaveis, enfurecidas, caíndo num sorvedoiro enorme, receptaculo incomensúravel, infinito, bebendo insaciavel os vagalhões!

O sangue corre a jorros, alagando a Terra!

A todo o instante, persistentemente, apagam-se milhares de vidas, levando a saudade infinda quantos teem coração!

A Morte está cançada de matar!

Contudo o sol é a empavida e muda testemunha deste pavoroso quadro, que o céu imutavel cobre, á noute, com o seu manto de estrelas!

E o Menino Jesus, por sua vez, não vem trazer á creancinha o seu brinquedo; tolera que lhe não armem o seu presépio, e numa indiferença aterradora deixa que a Humanidade se despedace numa luta feroz e canibalesca!

Triste, verdadeiramente triste, o Natal de 1915!

"O Democrata,,

Na fórma do costume não se publica este jornal na proxima semana, chamada do Natal, a não ser que algum caso imprevisto surja que nos determine a tomar outra resolução.

Aos nossos presados assinantes, amigos, colaboradores e anunciantes desejâmo-lhes festas felizes e um novo ano repleto de prosperidades.

Carta aberta

Ao sr. Duarte de Melo, chefe de secção de via e obras da Companhia dos Caminhos de Ferro

E' em nome da altiva e briosa cidade de Aveiro, desta terra por tantos titulos grande, tão linda e por nós tão amada, desta terra, berço de tantos homens ilustres que ao mundo déram exemplos grandiosos de civismo, batendo-se em pugnas ingentes em prol da Liberdade, que gritâmos bem alto ante a ingnominia que nos querem atirar á face:—Fóra, fóra! Para traz com essa torpeza, com essa desclassificação que uma minoria tresloucada e insensata quer impôr-nos! Deixem no pó corrosivo do esquecimento a memoria de Manuel Firmino, o homem que todo Aveiro em vida detestou e, por brio e decoro, denodadamente combateu. Deixem no olvido o heroi, em vida burlescamente celebrisado, de mil e uma proeza, deprimentes!

Sr. Duarte de Melo: V. Ex.ª é, nesta terra, um hospede recente, recebido, como todos os que chegam, por esta gentil cidade, com um caricioso e fidalgo *Wellcome*. Não conhece V. Ex.ª—queremos crê-lo—a sua historia, as suas tradições, a grandeza relativa dos seus filhos, o culto sentido dos seus mortos.

Daí, cértamente, o erro em que V. Ex.ª caíu.

Pois quem podia acreditar que V. Ex.ª, conhecedor da historia desta terra, iría buscar, para a publica celebrisação, a figura apagada e sinistra de Manuel Firmino para a colocar a par da de José Estevam Coelho de Magalhães, deixando na sombra figuras categorisadas que, embora menores em relevo, não enxovalhariam, lado a lado, a figura épica do orador de *Charles et George*?

Quem poderia perdoar a V. Ex.ª um erro dessa ordem, que constituiría um crime nefando se fosse conscientemente praticado?

Ninguem, sr. Melo, e as pedras das calçadas seriam poucas para o apedrejar e escorraçar desta terra, se V. Ex.ª conscientemente, propositadamente, tentasse soerguer, por simples favoritismo, para a luz aureoladora da historia, a figura inclassificavel de Manuel Firmino, deixando, por maldade, postas de parte, as figuras moraes da sua galeria ilustre.

Não tem V. Ex.ª, na cidade e no concelho, figuras decorativas de inteira integridade moral?

Indubitavelmente.

Impende, então, sobre V. Ex.ª o dever indefectivel de emendar, sem perda de tempo, o erro e mostrar a esta terra que V. Ex.ª é um cidadão correcto, respeitador do culto e do civismo de estranhos, e que tem pela Verdade e pela Justiça uma grande veneração.

Senão, se V. Ex.ª persistir no erro e teimar em levar por deante a sua deliberação que, desde esse momento, passará a ser uma acintosa e provocadora incorreção, nós temos o imperioso dever de o tratar como um inimigo desta terra, indigno de estar a dentro dos seus muros e levaremos o nosso protésto até ao fim, custe o que custar.

Não. V. Ex.ª não tem o direito de afrontar Aveiro, nem esta cidade, ciosa do seu brio e das suas regalías, comete a cobardia de lhe receber impunemente a afronta. Não o espere, porque se engana redondamente. Reconsidere, estude, medite e mude de rumo.

Nós vamos mostrar-lhe, por transcrições dessa época, pelo testemunho dos seus contemporaneos, quem é a personalidade que V. Ex.ª quer arrancar á paz do tumulo para a pôr, ignominiosamente, a hombrear com José Estevam.

Vai V. Ex.ª vêr quanta repugnancia, quanto nôjo inspirava aos seus patricios o homem nefasto da Vera-Cruz, no *écrain* que vamos colocar deante dos seus olhos espavoridos. Vai horrorisa-lo o correr dessa *fita*, se V. Ex.ª estiver de bôa fé, em perfeito uso da razão, pronto a prestar sincéramente o devido culto á Verdade e á Justiça.

Estão vivas aí pessoas de categoria, como por exemplo o velho professor do liceu, dr. Elias Fernandes Pereira, que pódem testemunhar quem era esse cidadão, que pódem fotografa-lo para que a V. Ex.ª não ofereça duvidas o que lhe dizemos.

Mas, materialmente, que deve Aveiro a Manuel Firmino?

O contrato do gaz, estupido e nocivo contrato, que algemou Aveiro á dura obrigação de ter de suportar, durante noventa e nove anos, o mesmo máu sistêma de iluminação, sem poder rescindi-lo, inibindo-a de possuir uma instalação eletrica que tantos beneficios podia trazer á cidade.

O mercado do Côjo, ferro velho que no Porto apodrecia, roido pela ferrugem, no Poço das Patas e que a câmara de Aveiro, de afogadilho, foi adquirir.

Para quê? Apenas para se colocar aí antes da morte de Manuel Firmino, que se avisinhava, e podéssem pôr-lhe na frontaría, para satisfazer a sua vaidade, o medalhão com o seu retrato.

Não se atendeu ás necessidades da cidade, á capacidade indispensavel para a sua população crescente, á sua localisação apropriada. Nada disso importava. O que se desejava era que o ferro velho para aí se erguesse em sua vida, não importando saber porque preço, e se crismasse com seu nome para brilho e renome da familia. Demais sabia ele e a familia que ninguem após a sua morte fisica, pois a moral ha muito se patenteára, iría sujar com o seu nome qualquer edificio e que ninguem tinha favores publicos a agradecer-lhe para uma postuma consagração, excepção feita da minoria de *gramoaes* que o acolitavam.

A regularisação dum retalho da antiga alameda de Santo Antonio, obra de insignificante vulto.

O quartel de Sá, que está muito longe de ser uma obra perfeita e á sombra do qual se roubou escandalosamente, como todo o Aveiro sabe e a corja da Vera-Cruz não desconhece.

A malhada para descarregar estrumes, obra de regedoria sem que nada a tenha a recomendar além do fim a que se destina.

Mas, a sua acção administrativa foi o que ha de mais nocivo e de mais baixo.

O Democrata vai transcrever-lha, vai mostrar-lhe o miseravel estendal e V. Ex.ª, sr. Duarte de Melo, vai ficar boqueaberto se não andar embuido de má fé ou uma macissa barreira de interesses lhe fechar os olhos da razão.

E, depois, V. Ex.ª não póde hesitar nem mais um momento.

José Estevam é o orador sublime, o patriota augusto, o padrão de gloria duma raça e duma patria, imorredouro com ela, eter-

no como a força de que foi uma gigantesca e harmoniosa manifestação, o liberal de arreigadas convicções e das lutas supremas e nobilitantes, já na alta esfera do pensamento, já nós campos da batalha oferecendo o seu peito ás balas e dando a sua alta fisiologia cerebral, desinteressadamente, inteiramente, para conquistar para todos nós, para os humildes, para os sem costa e sem pergaminhos, o quinhão bemdito de liberdade que gosamos. Em todas as suas pugnas, em todos os campos, em todos os seus actos através da sua agitada e laboriosa vida, a mesma figura mascula e varonil, fisica e moral, se acentuou, permaneceu impoluta, erecta, firme.

E' uma individualidade impecavel, unica, deste país e mais orgulhosamente desta terra, que guarda num relicario improfanavel a sua memoria querida.

Ai de quem tentar tocar-lhe, de quem tentar embaciar-lhe o brilho imarcecivel!

Tentar colocar, ao lado de José Estevam, a figura dum cabo de ordens do extinto partido progressista nesta terra, Manuel Firmino, um mediocre, um matoide, um reaccionario que quiz impôr-nos ferindo os nossos sentimentos liberaes, as irmãs de caridade, é, sr. Melo, um acto de tão desmedida loucura ou de tão requintada maldade, que todos nós, jurâmos-lho, não o consentiremos.

V. Ex.ª não póde sair deste dilêma:—abandonar desde já o projecto-afronta aos brios de Aveiro, mostrando ao povo desta terra que, reconsiderando, reconhece a razão e justiça dos seus protéstos e reclamações, o que o tornará digno dos seus respeitos e merecedor do seu convivio, ou então, que é um inimigo declarado, um truculento hospede que, recebido com as devidas deferencias, calcou aos pés, descortezmente, as tradições de civismo deste povo que, embora respeitador e culto, não perdôa aos que o atraiçôam.

Escolha o sr. Melo.

ARQUIVANDO

No numero 674 do semanario republicano radical *Independencia de Agueda*, saido no sabado, 18 de dezembro de 1915, vem publicada ao centro da 1.ª pagina esta local:

Dr. Barbosa de Magalhães

No domingo passado ofereceu, o sr. governador civil do distrito, um almoço, na sua casa da Quinta das Chãs, áquele parlamentar distinto e ministro da Justiça no ministério Azevedo Coutinho.

Tambem viéram de Aveiro, como convidados, o sr. Firmino Vilhena, director do nosso presado e brilhante colega o *Campeão das Provincias*, e o sr. Silverio de Magalhães, escrivão de direito, tios do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

De Agueda assistiram os srs. administrador do concelho e vice-presidente da Comissão Executiva.

O almoço decorreu na mais franca intimidade, trocando-se impressões sobre a marcha politica do distrito e sendo ao champagne levantadas várias saudações, todas repassadas da mais viva e complete comunhão de ideias e principios.

Por fim visitaram a Alta-Vila, a principesca vivenda do nosso amigo sr. dr. Artur de Melo, de que levaram as mais gratas impressões.

Tambem passaram de relance pelos pontos mais lindos da nossa terra a que dispensaram as mais lisongeiras referencias. E, seriam desessete horas quando partiram para Aveiro, ficando no nosso espirito a mais simpatica das recordações, não só pela bôa camaradagem com que tudo decorreu como pela gentilêsa, que jámais esquecemos, com que para comnosco se houve o sr. dr. Barbosa de Magalhães a quem, muito gratamente, prestamos as nossas homenagens, presagiando que, da sua larga preponderancia politica e do seu enorme valor intectual muito lucrarão a Patria e o distrito.

O governador civil do distrito é, como se sabe, o sr. Eugenio Ribeiro, aquele republicano que, com os excursionistas do Porto, sofreu *uns ligeiros momentos de reclusão entre baionetas*, em 1909, que o *presado e brilhante colega* cá de Aveiro achou pouco, para agora se banquetearem, *trocando impressões sobre a marcha politica do distrito* de envolta com *várias saudações, todas repassadas da mais viva e completa comunhão de* **ideias e principios.**

Não teem mesmo vergonha nenhuma.

POLITICA DISTRITAL

Em Anadia como cá

O sr. Governador Civil traindo a Democracia

Dissémos no numero passado deste jornal que não queriamos mal nenhum ao sr. dr. Eugenio Ribeiro.

E' verdade.

Vimos na campanha de *O Democrata* contra a politica anti-republicana e anti-democratica que está fazendo o chefe do distrito, uma campanha, não de mesquinha indisciplina, mas de nobre e alevantada defêsa dos bons principios republicanos; vimos que os mesmos factos verberados com justiça, arte e calor pelo *Democrata*, se estavam dando na nossa terra e quiçá em quasi todo o distrito, e, como bom republicano que nos prezâmos de ser, e com este amôr que dedicâmos á Republica e com esta fé, que jámais nos abandonou, no futuro do nosso glorioso país, servido com a maior abnegação e patriotismo por muitos republicanos que conhecemos, corremos a juntar o clamor, os protéstos dos de Anadia, aos protéstos que *O Democrata* está levantando em nome dos republicanos do concelho de Aveiro.

Não estâmos, pois, aqui a beliscar no sr. dr. Eugenio Ribeiro senão para lhe fazer abrir os olhos, para que S. Ex.ª veja bem como está comprometendo o seu partido, em Anadia, dispensando a protecção que tem dispensado, acompanhando para Lisboa, como tem acompanhado, em amistosa e paternal camaradagem, miseraveis caluniadores, ferozes abocanhadores, pretensos aniquiladores do Partido Republicano Português de Anadia.

Não feche S. Ex.ª os olhos, não olhe S. Ex.ª, assim, de lado, vesgamente, indiferente, desdenhoso, para os nossos protéstos, na imaginação desatilada, doentía, de que estâmos sós a protestar, de que estâmos no desérto a prégar. Não. Os nossos protéstos são os protéstos de todos os republicanos bons e liais á Republica; são os protéstos dos que o convidam a tempo—se ainda é tempo—a provar, de uma maneira inequivoca, que renegou todo esse passado de namoro e protecção indevida, protecção criminosa, protecção anti-democratica, a inimigos da Republica, a falsos republicanos, protecção muitas vezes dispensada com o proposito agressivo de ferir o seu partido, os seus correligionarios, na sua bôa fé e no seu prestigio republicano!

Não imagine S. Ex.ª que o laconismo das nossas palavras deixa ficar dispersos, confusos e incompreensiveis os nossos protéstos contra a politica de traição á verdadeira Democracia, que S. Ex.ª vem praticando!

Sim. O que aqui lhe estâmos dizendo, corre de bôca em bôca por todo este distrito fóra e não o enganâmos, afirmando-lhe que V. Ex.ª, sr. Eugenio Ribeiro, ou renega tudo o que tem feito de iniquo a favor de refinados, dissimulados, incorrigiveis e inconvertiveis *talassas*, ou o partido democratico de Anadia e do distrito de Aveiro, morrerá irremissivelmente estrangulado ás mãos de V. Ex.ª.

Lembra-me agora que o sr. dr. Eugenio, Ribeiro falando, algures, com um correligionario, para justificar as suas belas relações e comunhão de ideias com *talassas*, que o não largam, disséra a esses correligionarios, mais ou menos: *Eles dizem-me que os republicanos de lá* (referia-se a Anadia) *fazem uma politica fechada, uma politica igoista e de revindita e parece-me que eles* (referia-se aos talassas) *teem razão*.

—Porquê?—objectou-lhe o nosso correligionario.

—Porque o partido está sempre na mesma, não tem medrado nada em Anadia, os homens que temos são os mesmos de ha cinco anos!

Viram, lêram todos a infamia, as infamias que os *talassas* fizéram engulir a um chefe, a um governador civil democratico? Ora... cêbo, para não pôr aqui termo, que sendo mais adquado iría ferir muito profundamente a sensibilidade que começa a mostrar-se semi-embotada do sr. dr. Eugenio!

S. Ex.ª é uma autoridade da Republica e é delegado de um governo que está fazendo uma politica nacional. Não estâmos a pedir represalias; pedimos que se faça politica nacional em Aveiro, mas que se dê a César o que é de César e por isso que os *talassas*, que vivem para odiar e para caluniar um dos partidos da Republica, tenham o correctivo que merecem, isto mesmo para seu proprio bem. Queremos que se faça justiça a todos e não admitimos protecção oficial ou republicana a criaturas que dormem, sonhom e acordam a sonhar, a esquadrinhar, o melhor meio de destruír o Partido Republicano Português. O governo é nacional e quer fazer politica nacional; mas vêr e conhenhecer e proteger e dispensar o apoio moral, que representa a confidencia sobre politica republicana, a criaturas cujo ódio á mesma Republica lhes escapa de todos os actos, ditos e feitos, com a facilidade que escapa uma obsenidade da bôca de um arrieiro; tragar, engulir, digestionar e dejectar tanta ignominia junta, não é fazer politica nacional, é antes fazer politica baixa de abdicação e traição á Republica e á Democracia.

Sr. dr. Eugenio Ribeiro: Vá percorrer o seu distrito, ausculte-o, inquira das suas necessidades mais atendiveis; chame os seus correligionarios e diga-lhes que é o mesmo homem do tempo da propaganda e que a todos quer fazer justiça na medida do possivel e ficará quite com o seu partido e a sua administração poderá ser por todos bem apreciada e compreendida. Mas queremos que tambem se não esqueçam os *talassas*, para os punir na devida altura.

A. A. da Costa Neto

Heresías

—(*)—

Isto lé-se e não se acredita:

> Depois do quartel, mercado do Côjo, jardim publico, iluminação da cidade e outros melhoramentos, que ha em Aveiro de importante depois da morte de Manuel Firmino? Por assim dizer, nada.

Realmente, o que vale a abertura do canal de S. Roque, o prolongamento da linha ferrea até ás imediações do mercado do peixe, a cobertura deste, o novo bairro da Apresentação, o ladrilhamento da Praça da Republica, a construção do edificio para as duas secções do Asilo-Escola e sobretudo a transformação da parte sul da cidade? O que vale isso tudo, fóra o mais, comparado com as porcarias que nos impingiu, á custa dos maiores sacrificios, o regedor de Avanca, sem contestação o mais pernicioso administrador que tem tido o concelho nos ultimos 30 anos?

Ah! inegualaveis paspalhões, que não foi essa a doutrina que vos ensinou Cristo!...

Sêde verdadeiros!

Mas quem? O articulista do *orgão dos taberneiros*, que *levanta o nivel* com a mesma facilidade com que deita abaixo um copasio do carrascão?

Os socios da Vera-Cruz, que o alugaram para dizer asneiras, manejando-lhe a inconsciencia ao sabor da sua caprichosa vaidade?

Ora adeus! O publico está farto de conhecer a todos e já fez o seu juizo.

Tal é o *Bébes* como os que, depois de o afinarem, lhe abrem a vasilha das calinadas para nos divertir e ao respeitavel publico, proporcionando-nos momentos de franca gargalhada.

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro*

Dr. Antonio Rodrigues Salgado

Acaba de ser nomeado governador civil de Ponta Delgada este nosso presadissimo amigo e coléga do *Povo de Basto* em quem concorrem todos os requisitos para o bom desempenho do cargo que, com inteira justiça, lhe foi confiado.

Velho republicano, inteligente e com larga folha de serviços ao regimen, é bem merecida a escolha do governo, chamando o ilustre cidadão para seu representante nas ilhas, logar que, temos a certeza, vai desempenhar a contento de todos pela sua muita competencia, ilustração e superior criterio.

Ao sr. dr. Antonio Rodrigues Salgado um cordeal abraço de saudações.

Corre com a maior insistencia que o sr. dr. Luiz de Magalhães escrevera á Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro, instando para que esta desista do proposito de, nas decorações do edificio da estação, que se acha em obras, colocar o retrato de seu pai, o egregio tribuno e patriota, José Estevam Coelho de Magalhães.

A confirmar-se o boato, é caso para o felicitarmos pelo seu nobilissimo gesto.

DONATIVO

A Comissão da Assistencia Publica concedeu, por unanimidade, a quantia de dois contos para a construção, junto ao hospital novo, dum pavilhão destinado exclusivamente aos tuberculosos, pavilhão a que o activo provedor da Misericordia, sr. dr. Lourenço Peixinho já deu principio depois de ter conseguido outros donativos tambem importantes.

Selos de Assistencia

Nos dias 24, 25, 26 e 30 de dezembro e 1 e 2 de janeiro proximo tem de ser aplicada, como sobretaxa obrigatoria, a estampilha de assistencia de 1 centavo, em toda a correspondencia que transitar pelo correio, excepto publicações periodicas.

Antiguidades

O monumento

«Em tempos que já vão distantes a câmara municipal de Aveiro, por proposta do vereador Ventura, da Quintã, subscreveu para uma *estatua*, que alguns parentes de Manuel Firmino diziam desejar erigir-lhe, com a quantia de **duzentos mil reis.**

No *Campeão das Provincias* e em dois estabelecimentos da localidade foi aberta a subscrição, onde ostentosamente se lia, logo na primeira linha—**Anonimo, quinhentos mil reis.**

O pessoal, todo o pesssoal da câmara, incluindo o assalariado, teve tambem de subscrever o que adicionou á referida quantia uns cento e tantos mil reis.

Longos mezes andou na gazeta o reclamo sem proveito notavel até que, aproximando se a posse da Comissão Municipal e temendo que os duzentos mil reis não fossem facultados, instalou-se *uma comissão do monumento* para receber o produto da subscrição.

Déssa comissão foi nomeado tesoureiro o sr. Francisco Leitão—sempre o sr. Leitão em cargos de confiança firminista—que a esse tempo era tambem vereador, e solicitamente lhe foi entregue a bonita quantia, subscrita pela câmara a qual já então tinha a modica divida de **uns dez contos de reis.**

A pressa era bem justificada.

Qualquer câmara de procedimento honesto teria primeiro pago aos crédores e depois entraria em despezas ostentosas e superfluas, e a câmara dadivosa estava a expirar.

Recebidos os duzentos mil reis representativos do reconhecimento da firma *Ventura, Ilhavo & Companhia* e os cento e tantos da receiosa condescendencia dos trabalhadores municipaes, resolveu a benemerita comissão colocar o total na Caixa Economica Portuguêsa.

E lá estão a render.

Sería escusado dizer que os espaventosos **quinhentos**—a isca—serviu só enquanto o peixe mordeu.

Fizeram no papel uma bonita figura, mas nada mais.

E agora perguntamos nós—que faz a benemerita comissão que não trata de levantar a estatua?

Tenciona conservar o dinheiro a render até ao dia de juizo?

Trezentos e tantos mil reis não é quantia para grande monumento, bem sabemos, mas deve estar em harmonia, excede até, parece-nos, a magnitude da ideia.

Ha estatuas de materiaes e materias várias e nada obriga a ilustre comissão a seguir religiosamente todos os preceitos da arte.

Erijam lá isso, mas depressa, que os generosos subscritores anceiam por vêr, mesmo em barro que seja, realisada a sua ideia.

Já lá vão dois longos anos e crêmos que não serão os juros anuaes de trezentos ou quatrocentos mil reis que engrossarão a verba primitiva.

Mandem vir os *quinhentos mil reis do anonimo* e tratem da obra, se não querem que os subscritores comecem a reclamar as suas quotas.

Subscreveram para uma estatua e querem vê-la.

E' justo.

A' câmara lembrâmos o caso. Ou se levante a estatua ou o dinheiro que agora póde muito bem empregar-se nas despezas de saneamento com muito maior proveito.

Nós, que tambem subscrevemos, porque foi do **nosso dinheiro** que a câmara dos de Ilhavo dispôz arbitrariamente, reclamâmos a satisfação do compromisso.

Démos para uma estatua, queremos uma estatua seja do que fôr, ou então que o dinheiro entre novamente no cofre municipal para as despezas urgentes, para a satisfação dos calotes herdados... para qualquer fim util em suma.

E para simplificar e abreviar lembrâmos ainda que talvez a fabrica da Vista-Alegre se queira encarregar da execução.

Ficariamos com um monumento para rivalisar com a célebre torre de porcelana de Nankin.

Perdão, em Arada ha optimos artistas oleiros—executores de panelas e cassarolas em barro preto; se a Vista Alegre se recusar á obra—Arada terá essa honra e ficará obra de matar ... bicho.»

Isto, que os leitores acabam de lêr, veio publicado no semanário local *Vitalidade*, de 10 de setembro de 1899, ou seja ha 16 anos, por onde se prova que a monomania das grandêsas, manifestada pelos parentes do regedor de Avanca, vem de longe. Imaginem que até queriam que Aveiro lhe levantasse uma estatua para que um *anonimo* subscreveu logo no *Camaleão*, orgão da casa, com *quinhentos mil reis*!

A troça que isso causou póde-se avaliar por esta pequenina amostra.

Um monumento ao regedor de Avanca! E os subscritores? Qu'é deles os subscritores? Todos da laia do anonimo que eles inventaram porque, de resto, nem a firma *Ventura, Ilhavo & C.ª*, deu o suficiente para um trabalho aperfeiçoado, pelos oleiros de Arada, eximios artistas executores de panélas, caçarolas e outras coisas... de barro preto...

PELA IMPRENSA

Entrou no 6.º ano de publicação o bem redigido hebdomadario de Valença, *A Plebe*, que desde o seu primeiro numero tem sabido defender com acrisolada fé e patriotismo os principios republicanos a que consagra a sua existencia

Dirige *A Plebe* o sr. Alfredo Barros, na pessoa de quem saudâmos o ilustre colega, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Ainda está exercendo as funções de administrador do concelho e comissario de policia, acumulando com as de amanuense do governo civil e chefe da Estatistica, o sr. Francisco da Encarnação, contra o que continuamos a protestar em nome da moral republicana e da justiça ofendida com a afronta feita a Filinto Feio.

Espesinhar assim um correligionario, sr. governador civil, é de mais e não seremos nós que largaremos mão do assunto enquanto lhe não fôr concedida a reparação a que tem jus.

Grande incendio

Pelas 4 horas de sabado ultimo manifestou-se um pavoroso incendio, que reduziu a cinzas a antiga casa da Quintã, de Fornos, concelho da Feira, pertencente á familia Pinho e em cujos escombros ficaram sepultadas verdadeiras preciosidades tanto em moveis como em louças da China, India e Japão, valiosas pratas e joias de preço, que foi absolutamente impossivel salvar, pela rapidez com que o fogo se propagou a todas as dependencias.

Apenas o predio se achava seguro em dois mil escudos, avaliando-se os restantes prejuizos em seis mil, se não fôr mais.

Notas mundanas

Partiu para Albergaria-a-Velha, com sua esposa, onde conta passar as férias do Natal, o ilustrado professor do liceu, sr. dr. Eduardo Silva.

✠ *Seguiram tambem para o Porto e Coimbra, respectivamente, as sr.as D. Ludovina Gamêlas Costa e D. Ana Louzada, mãe e sogra do nosso querido amigo Francisco Vieira da Costa.*

✠ *Esteve esta semana em Aveiro com sua esposa o sr. Cipriano Mendes, acreditado negociante ilhavense.*

✠ *Egualmente aqui vimos os srs. João Pereira Serrono, farmaceutico e Francisco Dias Nogueira, de Angeja e Manuel Saldanha, de Eixo.*

✠ *Pelo sr. Evaristo Maia, abalisado cirurgião dentista, residente na capital, foi pedida em casamento para o seu e nosso amigo, dr. Antonio Nascimento Leitão, distinto capitão-medico, natural desta cidade, a sr.ª D. Arminda Freire, presada filha do sr. Fernando Freire, devendo o enlace ter logar dentro em brêve.*

✠ *Tambem por seu pai, o sr. Tomaz Vicente Ferreira, foi pedida para o sr. Luiz Vicente Ferreira, a menina Maria da Luz Lau, filha do pintor aveirense, sr. Luiz Ferreira de Andrade.*

✠ *Adoeceu o sr. dr. Francisco Soares, considerado medico em Cacia.*

O retrato

—(*)—

Meu amigo

No penultimo numero do *Democrata* aludia-se a uma pessoa de reconhecida respeitabilidade nesta cidade que atribuia a campanha da *firminada* a respeito da colocação do retrato do seu ancestral Manuel Firmino na estação do caminho de ferro á *estupidez espessa* que carateriza, na sua maior parte, os descendentes daquele aveirense, sobretudo o que pontifica no jornal da casa.

Se a pessoa que concebeu o projecto da estatua fosse um pouco mais sabedora das coisas e homens de Aveiro, de relance compreenderia que um individuo que sái á barra com um despejo de imodestia que toca as raias da idiotia, num assomo de tola vaidade, esmerilhando os merecimentos de seu pai para que se lhe dêem honras, que não merece, devia, dizemos, perceber logo que, quem no mundo deixou um tal descendente, nunca poderia ter sido um vulto de destaque na sociedade do seu tempo, a avaliarmos pela manifesta incapacidade de que está dando provas a parentéla.

Quem tanto se atreve mostra que está fóra da critica pelo seu insolito procedimento, como as grandes aberrações morais que já ninguem discute, porque não teem cura possivel. Uma tal gente, á matroca do senso comum, traz já o estigma incuravel dos que perderam a consciencia do ridiculo, e arrepiam caminho pela vereda que fatalmente conduz á Cruz das Regateiras ou á mansão de Rilhafoles. Lembrem-se o sr. Melo e a Companhia dos Caminhos de Ferro de que um individuo que aparece em publico a impôr a consagração do paí, antepondo-se com um impudor inaudito ao juizo soberano da opinião, constitue um caso tão virgem, tão invulgar de degenerescencia, que só conhecemos um para se lhe equiparar: aquele de que rezam as cronicas, ocorrido num café da cidade ha um bom par de anos já...

Sob o ponto de vista do imprevisto e do inconcebivel correm parelhas estes dôis casos.

Constante leitor

Apezar do sr. governador civil ter prometido que ia substituir o regedor de Esgueira, ultimamente nomeado, é cérto, porém, que atè hoje ainda o não fez.

Porquê, sr. dr. Eugenio Ribeiro?

Para quando guarda essa satisfação aos republicanos de Esgueira?

Antiguidades

Outra peste

«Pior, muito pior do que a peste bubonica é a peste que grassa em Aveiro e cujo fóco principal está ha muito exhalando podridões e dispauterios ai para os lados da Vera Cruz. E' uma peste para a qual as sciencias medicas ainda não descobriram remedio eficaz, dando-se, de mais a mais, a circunstancia de que as autoridades, muitas vezes, lhe tem favorecido a propagação e o desenvolvimento, em logar de estabelecerem contra o flagelo rigoroso cordão.

E' uma peste de cinismo, de descaramento, e ao mesmo tempo de idiotice, de estupidez, das mais assinaladas.

Senhores poderes publicos, senhoras autoridades constituidas, não seja só decretar medidas de rigor para o Porto: Aveiro tambem pertence ao país e merece egualmente alguns disvelos. Volvam para aqui os olhos misericordiosos, e a brêve trecho reconhecerão a necessidade de organisar um lazareto, com um manicomio anexo, onde se instalem os portadores da tal peste, manifestada nuns por cinismo e descaramento, noutros especialmente por estupidez e idiotice; e noutros, emfim, por todos esses predicados conjuntamente.

. . . .

Pior, muito pior do que a peste bubonica—veja-se o que dizia a *Vitalidade* ha 16 anos —é a peste que grassa em Aveiro e cujo fóco principal está ha muito exalando podridões e dispauterios aí para os lados da Vera-Cruz.

Então, como agora, concordâmos. Enquanto essa peste não fôr extinta, Aveiro não sairá da cêpa torta. E quem diz Aveiro, diz o partido onde entrou, visto que uma peste é sempre peste em toda a parte, não sendo dificil demonstra-lo.

Exame de Admissão á Escola Normal

Ana Rosa Branco, José Manuel Moreira e Francisco Fernandes Caleiro, professores em Aveiro, habilitam para estes exames.

Dirigir á Rua do Caes n.º 15 B—Aveiro.

Ridicula farça

—(*)—

O padre Pato outra vez bombardeado!

Diz-se que estoirou mais uma bomba em casa do padre Pato, nas Aradas.

Aquele homem é uma diarrêa de bombas. De ha 6 anos a esta parte, não ha semana nenhuma em que o padre não apareça em Aveiro com os acolitos atraz a chorar a toda a gente e a queixar-se ás autoridades porque lhe atiraram uma bomba. Alguns centos de bombas tem dinamitado o homem. E contudo nem o padre nem as casas por onde ele passa sofrem a menor coisa.

Nenhuma bomba lhe faz mal, nenhuma bomba lhe causa prejuizos.

Desde uma bomba de que ele se queixou ainda antes da Republica e pela qual fez prender alguns dos que ele mais odeia até á ultima de que o Pato se lamenta, a comedia tem sido longa e já vai longa de mais.

E' preciso saber-se que em tempos da monarquia a bomba de Aradas, que foi reclamada nos jornaes do padre como um atentado terrorista, com o fim de perseguir as pessoas que ele queria envolver nas malhas da lei de 13 de fevereiro, desenrolou uma comedia que fez rir toda a gente pelo Carnaval no nosso teatro, com versos do José Parracho.

Toda a gente ficou convencida de que a bomba tinha sido uma habilidade do tonsurado e nada mais, pois nem um beliscão apareceu na porta da casa onde o Pato e os amigos comiam a rojoada. Isto em tempos da monarquia, vejam bem!

Quando tudo era Pato, amigos do Pato, prós-Pato, autoridades, influentes, magistrados, etc.

Pois agora prosegue a comedia. Ha uns mezes que em Aradas se não dava nenhum novo caso.

O padre não tem podido fazer das suas: nem dissolver juntas e cultuaes, nem armar baralhas de beatas, nem arrombar sacrarios, e como já ninguem lhe ligava importancia nem havia meio de entrar na igreja e nas capélas, donde foi expulso, resolveu chamar a atenção para a sua pessoa e armar á piedade, fazendo-se vitima de uma nova bomba!

Vae prolongada a farça e é tempo de acabar. E como é tempo de acabar esta farça do padre Pato, que andando aí sempre a rir ás gargalhadas ou a chorar aos cantos, é um farçola de primeira força, odiento e rancoroso como não ha egual, nós vamos desmascarar-lhe as imposturas.

Na noute em que rebentou a bomba em casa do padre Pato, o vigario não estava em casa e tinha vindo fixar a Aveiro!

Caso raro este, que fez espantar toda a gente. O Pato ficou fóra da sua companheira?

Grande motivo houve!

O creado ou filho do padre, um tal Zé Carraca, veio dizer a Aveiro que tinha corrido a tiro os autores do atentado!

Isto é, o Carraca já estava á espera, vestido e pronto, que lhe atirassem a bomba!

Querem-a melhor?

Querem-a mais clara e mais calva?

Dantes era o pobre fogueteiro João Maria que pagava as favas. Quando o padre aqui aparecia com as bombas, acrescentava sempre maldoso: foi o João Maria que as fez.

Mas o João Maria estava tuberculoso, ali, no hospital, e o padre quaixa-se de uma duzia de bombas.

Morreu o João Maria e as bombas continuam semanalmente. Donde vem as bombas? Será bom que a autoridade averigue.

Os *danados* inimigos do padre Pato tem sido vitimas das maiores infamias por parte desse tonsurado e dos seus acolitos. Não ha perseguição que lhes não tenha sido feita, nas tabernas, nem calunia que eles, nas tabernas de que o padre é frequentador e nos jornaes que por artes de berliques e berloques lhe são afeiçoados, não tenham assacado áqueles que o padre está farto de enxovalhar de ladrões e assassinos; tudo essa quadrilha chama aos que tem a hombridade de resistir ás ameaças e aos insultos de um homem que é uma causa permanente de discordia, pela sua lingua depravada, pelos seus máus instintos e pela sua pessima conduta.

Pois é tempo de se fazer justiça a todos e conhecer-se a farça ignobil e fedorenta que o padre Pato anda a representar na freguezia de Aradas.

A historia das bombas é apenas uma scena, uma ignobil farça!

Pois hade acabar.

A historia do Pato, que anda aí sempre a incomodar toda a gente, a dizer a todo o mundo que lhe atiram bombas, que o querem matar, hade ter o seu fim.

Não resiste á ordem natural das coisas.

CARTA

Ilustre cidadão Director de O Democrata, *meu presado amigo Arnaldo Ribeiro:*

Anadia, 20 | 12 | 1915.

Nos ultimos dois numeros do seu jornal—denodado campeão da Liberdade e da Justiça—veem publicados uns bélos artigos sobre a curiosa politica que o sr. Governador Civil do nosso distrito tem infiltrado pelo mesmo, a seu talante, com grandes reflexos por este lindo concelho.

Os artigos em questão são assinados por A. A. da Costa Neto, nome que se não conhece nesta vila nem mesmo pelo concelho, e por isso concluo que é pseudonimo de alguem destes sitios. Cá de mim para comigo mesmo, só lamento que tão bélos artigos não sejam completos, concretisando melhor alguns casos neles versados, para que todos soubéssem claramente quem são os anfibios a que faz referencia e que, na verdade, são uma lepra social, tomando por fim o articulista inteira responsabilidade do que diz, com o que muito se nobilitaria.

Não é, porém, isto o que mais me interessa, nem em tal caso tenho interferencia. O caso de que venho tratar e que me obrigou a dirigir-me a si, meu caro Arnaldo, é muito outro.

Acabo de saber por um amigo daqui que uma cérta gente dessa cidade, do mesmo jaez de alguma que por aqui tambem se vai arrastando, uma e outra afagadas pelo sr. Governador Civil, propala serem da minha lavra os ditos artigos que tratam da politica patusca que vem fazendo o mesmo Governador.

Ora, não costumando eu engeitar a autoria do que me pertence, a verdade é que tambem não gosto de assumir responsabilidades, por mais leves que sejam, que pertençam aos outros, e muito menos quando elas, como no caso presente, redundam simplesmente em louvores para o seu autor. Eis, pois, porque venho pedir ao meu amigo a subida fineza de esclarecer no seu jornal que eu não sou o autor dos ditos artigos, podendo acrescentar que, não obstante, era já de meu desejo ter dito tudo aquilo e muito mais, e até com maior clareza, de cujo serviço me não despedi ainda, pois direi tambem de minha justiça, em ocasião oportuna, para que aquêles que tomam a sério os vários encargos da nossa politica, se não pervertam perante as espertezas de cértos bajuladores da natureza dos tais anfibios.

E, crendo que o meu amigo satisfará o pedido que acabo de fazer-lhe, desde já lhe agradeço como

Am.º mt.º ded.º e grato

José Nunes Cordeiro
(Professor)

N. da R.—Em obediencia á verdade declarâmos que o sr. Nunes Cordeiro nada tem com os artigos de Anadia ultimamente insértos neste jornal, sendo portanto falsos os boatos propalados para o atingirem, boatos que ainda assim tiveram este grande valor: provocarem a carta do sr. Cordeiro onde, com toda a ombridade, se reforça o que aqui tem vindo a lume sobre a orientação politica do sr. governador civil no distrito.

Ha males que veem por bem e este foi um deles.

A guerra e a Religião

—(*)—

Enquanto uma grande parte dos filhos da França se batem na defêsa da sua querida Patria, pelo amor de todos os seus, e pelo orgulho duma raça com tradições guerreiras duma epopeia gloriosa, subiu a um *pulpito* o degenerado *Cura de Montelien* a prégar um sermão, vomitando baba putrida sobre os seus fiéis. A *França está sendo punida por se ter esquecido da sua religião*, atreveu-se a esta heresia e os crentes escutaram-no impassiveis sem um grito de revolta por tamanha monstruosidade.

Esses miseraveis de espirito já obsecado pelos abutres da consciencia humana, nem sequer souberam defender o seu proprio Deus, que a ser verdade o que disse aquele degenerado, seria para os filhos da França o maior dos vingativos. Esse perturbador foi punido com tres mezes de prisão, mas se eu fosse francez, juro que o fusilaria, porque nenhum filho da França, que sente correr-lhe nas veias o sangue guerreiro para a defêsa da sua querida Patria, devia esquecer tão grande ultrage, no momento em que se bate dia e noite para se libertar de vez das garras da *Aguia-negra*.

Em lapide de ouro com letras de sangue deve a França gravar a célebre batalha do Marne e da Champagne, que a imortalisa. Essas não foi o milagre de Deus, como o afirmou o Bispo de Gibier de Versailles, que ofendeu os brios guerreiros dos filhos da França, dizendo que a batalha do Marne foi devida a um milagre, sem respeito pelos que morreram no campo da honra pela defêsa da Liberdade. Servem-se de todos os meios para conseguir os seus fins. Esse milagre já se repetiu na Champagne e seguir-se-hão novos milagres pondo bem em destaque a contradição dos que não teem sentimentos patrioticos. Esses, sentindo faltar-lhes o terreno que desejam para dominar, vão sempre espalhando o veneno que não mata, mas intoxica, apagando-se um espirito como uma candeia exausta que não póde dar luz. A sua artilharia é a religião, e o seu exercito são os padres.

Deus é o instrumento que eles adoptam na fórma mais pratica de vencer o obstaculo, tanto o apresentam como sendo infinitamente Bom, como capa das maiores atrocidades, ao ponto de o considerar conivente em todos os crimes. Mas a estupida humanidade, aqueles que os acreditam, deixarem-se vencer por essas monstruosidades sem nome, não sabendo sequer defender o seu proprio Deus, isso é que revolta!

A reacção obseca espiritos e rouba consciencias; e agora que essa maquina pavorosa destroe milhares de vidas—a guerra—podia bem chama-la á responsabilidade dos seus actos, e dar-lhe o castigo que merece.

Para se vêr, o que são essas santas creaturas, basta lêr o jornal catolico—*Correire d'Italia*, do dia 17 de outubro proximo passado que diz aos seus leitores que *é necessario que os catolicos italianos e francezes, se unam para dar combate á maçonaria de ambos os paizes.*

Ora por aqui se poderá avaliar o que são estes famigerados com ares seraficos de conselheiros espirituaes.

São eles que nos seus proprios jornaes instigam o povo a insubordinação, com a cruz alçada, tocando a rebate na campanha da sua propria imprensa. E a humanidade? Essa? Não lê, não ouve e não vê. A não ser na perseguição do proximo, sempre pronta a pedir castigos a Deus para se vingar do seu semelhante.

A guerra terminará pelo esgotamento, mas a religião vence pela mentira nefasta dos que a servem não olhando aos meios para conseguirem os seus fins. Um povo fanatico é um povo prisioneiro, tendo como reduto a egreja, e como sentimento de alma, um padre, a guia-la...

Lisboa, 12.

Zulay

Rectificação

No ultimo numero do *Democrata* vinha como tendo subscrito com 1$500 para o monumento de França Borges, o sr. José Tavares Ferreira, de Esgueira, quando o verdadeiro nome é de José Tavares da Silva, o que nos apressâmos a rectificar.

No 1.º de Dezembro

(Discurso do aluno da Escola Normal, Diniz Pires, 1.º cabo de cavalaria, por ocasião da festa comemorativa da independencia de Portugal)

E' hoje o glorioso aniversário da nossa libertação, e por isso devemos comemora-lo como um dia assinalado nos fastos da historia patria.

Ha 275 anos que um punhado de valentes hasteou em Lisboa a bandeira portuguêsa encimando as muralhas das fortalezas, e anunciando ao mundo inteiro que Portugal volvia a ser livre e independente, não obstante 60 anos de rude cativeiro.

E desde então até hoje a nação heroica que descobriu a India e a America e que deu volta ao mundo ostentando nas mais remotas paragens o esplendor do seu esforço homerico, tem mostrado que sabe ser tão grande nas horas da adversidade, como nos dias de maior gloria, em que a fortuna nos propiciava os galeões que sulcavam *os mares nunca dantes navegados*, levando o terror e a admiração á Africa, á Asia, á Oceania e ás terras de Santa Cruz onde implantavam o nosso domínio; nesse tempo, em que os portuguêses eram considerados quasi como entes sobrehumanos, e Lisboa, essa velha cidade *de marmore e de granito* era o vasto porto onde, reverente, se vinha curvar toda a Europa perante a sua supremacia.

Ah! Foram cheias de brilho essas maravilhosas páginas da nossa história, mas, infelizmente, bem passageiras tambem, não tardando muito a que a tantas descobertas e glórias sucedesse um periodo de vergonhas e decadência.

* * *

Principiando por D. Manuel, que cometeu o gravíssimo êrro de expulsar os judeus, indo êstes estabelecer-se na Alemanha e Holanda, onde teem, com a sua indústria, fecundado a terra com novos mananciaes de riqueza, opulentando assim aquêles estados; continuando por D. João III, êsse rei que tantos males trouxe á pátria com a sua intolerância religiosa, autorisando os jesuitas a levantar em Portugal os seus vergonhosos estabelecimentos de opróbrio e iniquidade; continuando ainda por D. Sebastião, essa criança caprichosa que foi expirar aos areais da Africa como expiação dos crimes dos seus antepassados, e terminando pelo cardeal rei que não têve a abnegação suficiente para declinar as honras de suprema magistratura em que tivésse o braço mais potente para suster o sceptro que a Espanha tanto desejava, tudo é triste, como tristes e desolادores foram os dias mais tarde passados por longos anos, e de que tantos êrros foram a causa.

* * *

Camões, o grande cantor das nossas epopeias, êsse de quem um célebre critico estrangeiro disse que por si só valia uma literatura, morria com a Pátria em 1580, e o que desde essa data se passou até á nossa ressurreição, não o posso dizer; não sinto coragem para recordar tantas afrontas e vergonhas impostas ao velho povo luzitano que nunca se deixou domar pelo braço de nenhum dos mais igregios generais de Roma, e que jámais temeu o rugir do Oceano, não lhe deixando nem uma das suas vagas por sulcar com as suas frageis caravelas, tais foram as baixêsas a que nos tivémos de sugeitar.

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro" ou "sobrinho do Milheiro"

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

E, francamente, ninguem esperava que depois dum sono de 60 anos Portugal surgisse do tumulo em que alguns renegados o tinham lançado, e quando o mundo se habituava a considerar-nos como parte integrante da velha Iberia; mas o guerreiro de Ourique e Aljubarrota sacúdiu o pó que lhe cobria a armadura, estendeu os membros um pouco laços pelo ocio de tantos invernos decorridos, desembainhou a espada e com um único movimento do seu braço inda potente derrubou o leão de Castela, e fez recuar as hostes de Filipe III até á capitulação que reconheceu os nossos direitos.

E assim bastaram algumas horas para nos compensarmos de tantas afrontas e vexames sofridos por longos anos.

* * *

Que alvorada a do 1.º de Dezembro a 1640!

Que heroismo o de aquele pôvo!

Quarenta homens apenas, quarenta herois devotados á salvação da sua pátria!...

Quarenta peitos esforçados contra as iras de quatorze mil senhores!

Que mistério!...

E' que dentro das veias corria-lhes o sangue verdadeiramente português, o sangue de mil herois que foram causa de outras tantas epopeias!

Eis o facto que hoje festejâmos e que eternamente terá éco em todos os corações devotados a esta pátria.

Colégas:

Sejâmos sempre bons patriotas. E quando ámanhã, espalhados por esta abençoada pátria, formos os mensageiros dum facho de luz para as trevas de cada ignorância, façâmos de cada criança um homem livre para o futuro e para o progresso, tirando-lhe toda a sombra de superstições ou mentiras que o não deixarão agir livremente.

Abrâmos-lhe o espirito á luz da Verdade e da Razão, porque o mundo é grande e o espaço infinito; ensinemos-lhe a amar com ardor a Pátria e a Liberdade, e sob o influxo vivificante da nossa jovem Republica, que acolhe com um abraço carinhoso todas as boas iniciativas e vontades, quer partam do mais humilde ou do mais ilustre cidadão, nós voltaremos a ser grandes e respeitados.

Nunca nos deixemos adormecer á sombra dos louros colhidos pelos nossos antepassados; e na ocasião atual, em que a humanidade assiste ao desenrolar da mais tremenda carnificina de que reza a história, se a Pátria nos pedir o supremo dos sacrifícios, a propria vida, para lhe mantermos a sua honra, não exitemos um só momento, demos-lha da melhor vontade, porque dos campos regados com o nosso sangue brotarão encantadoras flôres de paz e amor, que darão a alegria, a felicidade aos nossos vindouros a quem temos obrigação de a entregar intacta e nós teremos uma morte feliz e gloriosa, que nos dará a consciencia pelo dever cumprido.

Que aquele brado — *Somos livres!* — que os nossos avós fizeram ecoar por toda a parte nos sirva não só de regosijo, mas tambem de exemplo para evitarmos os escolhos onde naufragou este berço de herois que livres nasceram e livres devem morrer.

Viva a nossa independencia!

José Estevam não precisa de andar pintado em paineis para que o seu nome seja venerado.

"Não precisa nem deve, tão alto se guindou no conceito de todos os portuguêses e, em especial, dos seus conterraneos.

Ananazes

Chegou grande quantidade á

SUCURSAL DOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Preços baratissimos.

CARTAS DUM EXILADO

—=(*)=—

Ao padre Firmino Marques Tavares

VII

—Pois bem, meus amigos, já que enveredaram pelo caminho da verdade, e compreenderam perfeitamente o que sucedeu, só lhes resta saberem que fui eu efectivamente quem me apoderei das vossas cartas, as quais eu julgo condenaveis, pois o conteúdo das poucas que vi, era vergonhoso e improprio da nossa classe; mas. .

—Perdão, padre Firmino, sabemos que somos expulsos, se a vossa misericordia não nos cobrir, e se a vossa bondade não nos acalentar. Humildemente lhe pedimos que, ou nos entregue essas cartas comprometedoras, porque mesmo na sua presença as inutilizaremos, ou o senhor proprio as inutilizará aqui, para que não seja conhecedor de tudo isso o juiz inconsciente—o sr. Vice-Reitor deste colégio.

—Mas, como vos ía dizendo, essas malditas cartas já pairam a estas horas nas mãos dos que vos hade julgar sevéramente, mas com toda a justiça.

Contudo, temo a vossa parte, pois o caso é gravissimo, e só um grande misterio vos póde aliviar.

—Então, falso jesuita, hipocrita nefando, chaleira descumunal: como vais entregar o procésso ao juiz, sem indagar primeiramente do nosso arrependimento, sem primeiro que tudo, levar-nos á tua presença para nos admoestar da carreira errada que seguiamos, sem nos avisar com os teus conselhos insipidos, sem nos lembrar do mal que cometiamos? Como? Como atraiçoas infamemente a ingenuidade, como enlaças cruelmente aqueles que, depois de repreendidos, temos a firme certeza, se arrependeriam e emendavam das faltas que julgamos grâves? Como inutilizas repentinamente a nossa carreira, depois de termos gasto tanto suor, com o qual te alimentas sofregamente? Como que fisionomia, gazela escaveirada, nos devemos apresentar á nossa familia, que sacrificou a saude e a vida, só para nos auxiliar nesta carreira pedregosa e escalvada do sacerdocio? Como? Censurâmos o teu procedimento vingativo, astucioso e vandalico, e protestâmos desde já contra os teus arrojos pueris e desumanos. Cruel! Traiçoeiro!

E saímos precipitadamente pela porta da sala jesuitica, quasi sentenciados e condenados á expulsão.

Na minha freguezia havia um individuo, poderoso pelo nome, e grande na riqueza. Sofreu alguns mêses uma doença da qual, segundo uma consulta medica, pereceria infalivel e irremediavelmente.

Por isso, quando vivo, me convidou para assistir ao seu enterro, do que dependeria a esposa enviar-me um telegrama, para me apresentar imediatamente. Assim foi. No mesmo dia em que se passaram as cênas descritas me avisaram de que, na posse do Vice-Reitor, estava um telegrama para mim, e era urgente.

Dirigi me logo ao Vice-Reitor, e perguntei-lhe se em seu poder tinha algum telegrama para mim.

Respondeu-me afirmativamente, mas de sobrancelha carregada, e não sei dizer a razão porque não me fez alguma pergunta a respeito do sucedido.

O que sei é que me foi dizendo logo, que naquele dia já não podia saír, visto ser muito tarde; sairía no dia seguinte de manhã.

Ao mesmo tempo passava pela minha imaginação, e não me enganava, que a minha familia receberia dele alguma carta, expondo-lhe os terriveis acontecimentos naquele albergue.

No dia seguinte embarquei na estação da Granja, ás 11 horas, e dirigi-me para Estarreja, vacilante, tremulo e receoso do meu regresso.

Confortava-me a esperança de a minha familia ignorar o sucedido por mais alguns dias, se no correio subtraísse a missiva dirigida a meus pais.

Não foi possivel.

Logo que cheguei receberam-me como de costume, no meio de grandes ovações, e parecia-me nada perturba-los; mas de repente, como se tivéssem ligado pouca importancia ao caso, inquiriram:

—Mas para que será aquela carta que o Vice-Reitor nos dirigiu, onde dizia: aqui lhe contarei o sucedido? Não tardei a dar-lhes a resposta com uma cilada que no pensamento rabusquei durante a viagem. Ficaram cientes e depois de almoçar descançadamente, mas contricto pelo remorso, emberguei a negra sotaina, a batina enfadonha e era aquela a ultima vez.

Foi pomposo o acompanhamento, levando nas suas fileiras mais de sessenta sacerdotes, o que compunha com brilhantismo o enterro funebre.

Passaram-se mais oito dias, dias tristes como a noite, porque estavam contados os terriveis momentos da execranda sorte.

Não sentia energia para desenrolar á minha familia, que de bom gosto auxiliava a minha carreira, esta noticia discordante que cativaria toda a tristeza para um lar bem formado.

Pará, 9 de novembro de 1915.

(Continua)

Avelino d'Almeida

Curso elementar de pilotagem EM AVEIRO

(1.º e 2.º ano)

lecciona:

Idemundo Tavares da Silva

1.º tenente de marinha, adjunto da Capitania do porto de Aveiro

CINÊMA

Anuncia-se para hoje uma fita sensacional intitulada — *Nas margens do Isez* — composta de tres partes e representativa de vários aspectos da guerra europeia.

Não faltará quem a queira vêr e com justificada razão.

Ainda o atentado de Arada

Como noutro logar dizemos, relatam os periodicos, fazendo com o caso a esparriota do costume, que sobre a casa habitada pelo vigario das Aradas, padre Pato, foram arremeçadas na noite de 8 do corrente duas enormes bombas, das quais apenas uma explodiu, causando insignificantes prejuizos, servindo a outra, encontrada pelo vigario, para este a exibir no meio do seu contentamento por ter escapado da *infame selvageria*...

Pelo menos assim vemos descrita a scena no *orgão dos taberneiros* onde o padre Pato foi mostrar a bomba...

Dentista Milheiro

(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no consultorio do dentista Teofilo Reis, á Rua Direita.

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.

R. dos Tavares, n.º 1.

ANUNCIOS

Caixa Economica de Aveiro

2.ª Convocação

Não tendo comparecido, no dia 12 do corrente numero legal de sócios para a Assembleia Geral poder funcionar, novamente convido, em cumprimento dos dispostos no artigo 67.º dos Estatutos, os Snrs. Sócios da Caixa Economica de Aveiro e demais membros da mesma Assembleia Geral a reunirem no edificio social, no proximo dia 26 do supra mencionado mez, pelas 11 horas da manhã.

Sendo esta reunião ordinária é-lhe aplicavel o disposto no artigo 70.º dos Estatutos.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1915.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Rodrigues Soares.

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

A. Santos & C.ª

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, ao pé da TRAVESSA das FLORES

Telephone n.º 303

Endereço Telegraphico: "LIBERTAS"

PORTO

MARCA REGISTADA

VENDAS POR JUNTO

SORTIDO COMPLETO DE FAZENDAS ECONOMICAS

ESPECIALIDADE EM PANNOS BRANCOS, MORINS INGLEZES E PANNOS CRÚS.

LÃS, CHITAS,

FLANELLAS, RISCADOS, CHAILES, LENÇOS, MALHAS, CACHENEZ E MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

VENDA DE PROPRIEDADES

No domingo, 16 de janeiro, pelas 11 horas da manhã, na sala da Caixa Economica de Aveiro, ha de proceder-se á venda dos armazens e utensilios pertencentes á Companhia Productora de Sal, e bem assim das propriedades pertencentes aos socios daquela Companhia, José Pereira Branco e Francisco Ferreira dos Santos Nogueira, e que são:

—Uma morada de casas de dois andares sita na rua Manuel Firmino;

—Uma terra lavradia sita na Granja, proximo á igreja da Vera-Cruz;

—Duas praias que produzem bajunça, sitas na Ilha da Privada;

—Metade dum palheiro sito na Costa de S. Jacinto;

—Uma terra lavradia, sita em Sá;

—Um palheiro, sito na Costa Nova do Prado.

O individuo a quem fôr adjudicado algum predio, depositará imediatamente 10 p. c. do preço da arrematação.

A Comissão liquidataria reserva o direito de não entregar qualquer predio quando não chegue ao preço da avaliação.

Para esclarecimentos, dirigir aos Srs. Manuel Lopes da Silva Guimarães, Praça do Comercio; Antonio Augusto da Silva, Rua do Gravito e Domingos José dos Santos Leite, Rua José Estevam, em Aveiro.

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 8

ANUNCIO

O Conselho administrativo deste regimento faz publico que até ao dia 31 do corrente se aceitam propostas para arrendamento das ervagens produzidas no campo do Côjo.

O arrendamento é por um ano e o pagamento é feito por trimestre adiantadamente.

Quartel em Aveiro, 22 de dezembro de 1915.

O secretario-tesoureiro,

Carlos Gomes Teixeira.

Ten. d'Administração Mil.

Venda de casa

Vende-se uma com seu terreno junto, sita no largo do Coval, em Cacia, propria para negocio em pequena ou grande escala, pertencente á sr.ª Maria Dias da Maia, (viuva de João Padeira).

A tratar, em Cacia, com João Afonso Fernandes e em Lisboa, com a proprietaria e seu filho Manuel Dias Quaresma Junior, Travessa do Oliveira, á Estrela, 26 1.º D.

Teatro Aveirense

Convoco os Srs. Accionistas para, reúnidos em Assembleia Geral, no Edificio Social, nos dias 9 e 16 de Janeiro futuro, por 14 horas, se dar cumprimento ao art.º 31 dos Estatutos.

Não comparecendo número legal de Accionistas ficam essas reúniões adiadas para o dia 6 de Fevereiro tambem próximo futuro.

Aveiro, 20 de Dezembro de 1915.

O presidente da Assembleia Geral,

Andre dos Reis

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 8

ANUNCIO

O Conselho Administrativo deste regimento faz publico que até ao dia 31 do corrente se aceitam propostas para concertos de calçado das praças do regimento e adidas, durante o 1.º trimeste do ano de 1916.

Dão-se todos os esclarecimentos precisos na secretaria deste conselho administrativo, desde as 11 ás 15 horas de todos os dias uteis.

As propostas, para serem aceites, devem vir acompanhadas da quantia de 30$00, como caução provisoria.

Quartel em Aveiro, 22 de dezembro de 1915.

O secretario-tesoureiro

Carlos Gomes Teixeira.

Tent. d'Administração Mil.

Casa

Vende-se uma, situada na Rua Manuel Firmino, n.º 52, em frente á casa do falecido Conselheiro Ferreira da Cunha.

Para tratar, dirigir-se a Francisco Maria de Carvalho, armador, Praça do Peixe—AVEIRO.

Exames de admissão ás Escolas Normais

Antonio Rodrigues Pepino e Alberto Casimiro da Silva, professores na escola central de Aveiro e alunos do curso de habilitação ao magistério primário superior, abrem em Aveiro o seu curso de admissão ás Escolas Normais, no proximo mez de Janeiro.

R. de S. Roque, 15-1.º.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 20 de Janeiro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1915.

RAPAZ

Precisa-se rapaz de 15 a 17 anos com alguma pratica de mercearia, fazendas e miudêsas.

Ernesto Maia—C. do Valado.

Pinheiros

Vende-se grande porção num pinhal das Quintans.

Nesta redacção se diz com quem se trata.

Exames de admissão Cúrso Liceal e Normal

Abrahão Alves Pires, empregado de finanças, com longa prática de ensino secundário e normal, vai abrir um curso de explicação das disciplinas do Liceu e Escola Normal, bem como o exame de admissão á mesma escola, juntamente com Anacleto Pires Fernandes, professor no Colegio Aveirense, diplomado para o magistério primário.

Dirigir á Rua de Santo Antonio, n.º 42—AVEIRO.

Professora de piano

Maria Augusta de Almeida, diplomada, com distinção, no curso superior de piano (8.º ano) pelo Conservatorio de Lisboa, dá lições na sua casa e na das alunas, preparando para exame no Conservatorio.

Matricula aberta até ao fim deste mez na Praça da Republica, n.º 1—AVEIRO.

CASA DE PENHORES

DE

Artur Lobo & C.ª

Previnem-se os srs. mutuarios desta casa, sita na Rua do Passeio, 19, afim de reformarem os seus penhores até 20 de Janeiro proximo, para não serem vendidos.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1915.

Pinhal

Vende-se um grande pinhal com seu terreno ou sem ele sito no Viso, lemite do Solposto. Confina com a estrada que vai de Esgueira ao Solposto.

A tratar com João Afonso Fernandes, em Cacia.